

Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

1º capítulo - Resgate histórico da vivência judaica no Brasil

Da Península Ibérica para Pernambuco... Eles vieram para ficar

Tânia Neumann Kaufman

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KAUFMAN, TN. Da Península Ibérica para Pernambuco... Eles vieram para ficar. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 9-20. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

1º CAPÍTULO

RESGATE HISTÓRICO DA VIVÊNCIA JUDAICA NO BRASIL

Da Península Ibérica para Pernambuco... Eles vieram para ficar

*Tânia Neumann Kaufman*¹

O propósito dessa comunicação é trazer alguns referenciais para reflexão sobre as imagens, as ideias e os valores da cultura ibérica através dos sefaradim, presentes no imaginário e no sistema de valores da população nordestina, particularmente em Pernambuco. Toma-se como ponto de partida a quest

¹ Doutora em História / USP. Coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Judaísmo no Programa de Pós- Graduação em Antropologia da UFPE.

ão: c até que ponto, a integração de judeus em novas sociedades, sempre apoiada no sistema de adequação intercultural, foi consistente em Pernambuco, ao ponto, de permanecer na memória cultural da população nordestina, mesmo que de forma atávica ou silenciada?

Pensando na composição da população brasileira e na contribuição de uma pluralidade de grupos étnicos, chama a atenção manifestações de fenômenos simbólicos singulares, através dos quais, vai se cristalizando o imaginário do povo sobre: ditos populares, folclore, ritos indígenas, candomblé, samba de roda, umbanda, cultos pentecostais, e também com a polissemia dos cultos populares do catolicismo. Como manifestações coletivas, não é de estranhar a presença de fenômenos resultantes de um sincretismo religioso-cultural afrocatólico-indígena, também com influências cristã-nova e judaica, dispersas no espaço nacional. Muitas vezes, são rotuladas como manifestações folclóricas ou são vistas como resíduos das culturas dos referidos grupos étnicos.

Todavia, novos conhecimentos sobre os elementos da cultura judaica vêm sendo agregados através do reconhecimento da presença do cristão-novo, inserido nos contingentes que participaram dos descobrimentos geográficos ibero-portugueses. Portanto, nessa condição, para falar de cultura brasileira, é preciso focalizar o conjunto dos elementos do cotidiano físico, simbólico e imaginário da população brasileira, em cada região do país, vistos nos modos de viver: alimentação, vestuário, habitação, práticas de cura, ritos da morte, relações de parentesco, divisão do trabalho e, ao mesmo tempo, devem ser analisadas as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios... Estes modos de viver estão fundados em sincretismos socioculturais-religiosos, desdobrando-se em manifestações dotadas de seus próprios significados e, ao mesmo tempo, assimilando os elementos de outras culturas.

Basta escutar o que se conta em muitas famílias cujas origens estão localizadas no sertão nordestino. As histórias nos chegam através de indagações sobre costumes identificados, que aparentemente são estranhos em relação aos hábitos da vizinhança. Além dos mais conhecidos – jogar fora a água acumulada em casa quando morria uma pessoa, a interdição para comer carnes de coelho, peixes sem escama, carne de porco, casamentos endogâmicos, eles contam: ...quando morria uma pessoa na

nossa família, minha avó contava que durante um mês se comia numa mesa baixa de pernas curtas, onde se deitava o morto e todos sentados no chão...

...tinha uma senhora de 97 anos que morava na beira da estrada. Ela ficava olhando as pessoas que passavam e dizia: já vai para a sinagoga?

...na casa do meu avô, quando morria uma pessoa, os homens não faziam a barba durante um mês.

O que se conta... Quem Conta...

A trama que conecta os fatos do passado ao mundo contemporâneo tem como vertente de observação o que se conta... quem conta... e como são contadas as histórias sobre a vinda dos sefaradim¹, dos cristãos-novos² e cripto-judeus para o Brasil, após os acontecimentos da Diáspora de 1492, da Espanha e de 1497, de Portugal. No presente, está a comunidade formada no século XX por judeus ashkenazim³, melhor caracterizada mais adiante no texto.

A busca desses vestígios vem norteando os estudos e pesquisas desenvolvidos pelo Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco em parceria com o Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Judaísmo da Universidade Federal de Pernambuco. E, como parte dessas preocupações, na condição de pesquisadora e de docente, estamos trabalhando nessas entidades a cultura judaica em Pernambuco através de um diálogo entre a história e a antropologia, desde o final dos anos 1980.

Buscando o que se conta e quem conta sobre a vida judaica “escutamos” as palavras de narradores que viveram a história, tanto nos escritos coevos sobre cotidianos coloniais e dos historiadores, como nas “falas” dos que primeiro aportaram na cidade do Recife, no início do século XX.

Tomamos como referência os caminhos já trilhados por historiadores que enfatizavam as implicações da Inquisição sobre a vida judaica na Península Ibérica e no Brasil e os estudos antropológicos dos que se

1 Sefaradim ou sefarditas – Oriundos de Sefarad (nome hebraico da Espanha). Judeus provenientes da Espanha (Sefarad, em hebraico) que, após o decreto de expulsão firmado pelos reis católicos, em 1492, emigraram para Portugal e, em seguida, para os Países Baixos, Inglaterra, ou para o Norte da África, o Império Otomano, Itália e Sul da França. Falam o ladino ou judeu-espanhol. Variantes: sefardi, sefardita, sefaradita.

2 Cristãos-novos – judeus convertidos de maneira forçada ao cristianismo e cripto-judeus – os cristãos-novos que praticavam o judaísmo de forma disfarçada

3 Habitantes de Ashkenaz – Alemanha e falavam a língua iídiche (judeu-alemã).

dedicam ao que sobrevive das antigas oralidades ocultas que aparecem sob formas de vestígios disfarçados e que triunfam sempre que algum fato estimula sua emergência. Pareceu-nos que, sob novas posturas epistêmicas, abordar esses assuntos, já visitados e revisitados por historiadores, favoreceriam outros olhares, outras escutas e outras escritas sobre a problemática judaica no âmbito das ciências humanas.

Foi uma experiência positiva para tal propósito, a compilação dos fatos que ocuparam maior espaço na memória dos homens e que ficaram registrados de forma dispersa na historiografia brasileira. Orientados por uma classificação temática em torno do lugar ocupado pelos cristãos-novos, pelos marranos ou cripto-judeus, pelos judeus sefardim e ashkenazim nas sucessivas migrações, desde o século XVI, esse produto se oferece como fontes para novas pesquisas.

Esse investimento gerou um Banco de Dados e um Banco de Imagens, ambos funcionando como suporte para os pesquisadores. Estão organizados por autores e por tema e disponibilizados no Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco (Centro de Cultura Judaica de Pernambuco) e no Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Judaísmo da UFPE.

Um fato relevante foi o encontro com a obra do Professor José Antônio Gonsalves de Mello, historiador pernambucano e com as pesquisas da Professora Anita Novinsky, da Universidade de São Paulo. Foi uma revelação de fenômenos impregnados de significados elucidativos sobre a perenidade de uma vida judaica na formação da sociedade brasileira. Vislumbramos as amplas possibilidades de uma mudança do olhar da história a ser partilhada por pesquisadores interdisciplinares, interessados na recuperação dessa memória histórica. Percebemos que sua obra já está sacralizada como sólido fundamento de uma práxis que revelou ao mundo o que ocorreu durante a construção do Brasil ao longo do período compreendido entre o início do seu povoamento e o final do século XVII e, mais tarde, no século XX.

Pode-se imaginar o que significa para as novas gerações de antropólogos e historiadores estudar as marcas do cotidiano dos colonos, dos moradores e dos senhores de engenho, registradas nos documentos por ele estudados. Os modos de nascer, de comer, de morar, de rezar, de festejar, de morrer ou de ser sepultado no transcurso do tempo. Muitas dessas práticas sobrevivem até hoje.

O Professor Antônio Gonsalves “olhou” o espaço privado do lar onde, ousadamente, protestantes, cristãos-novos e adeptos de outras religiões praticavam às ocultas suas crenças e seus ritos. Ele mostrou como era seguida a Lei de Moisés pelos cripto-judeus através de práticas sincréticas herdadas dos antepassados. Lamentando a ausência de dados provenientes de fontes judaicas, dedicou grande parte de seu tempo aos estudos sobre o valor da nação judaica do Recife holandês onde nasceu a cultura sefardi na América. Chamou a atenção para a importância de personagens no mundo dos judeus ibéricos reunidos em Pernambuco. Foi ele que divulgou o local onde funcionou num primeiro andar de certo sobrado da rua dos Judeus, a sinagoga Kahal Zur Israel. Descreveu não apenas as práticas judaicas, mas também as ligações que os judeus no Brasil mantinham com centros judaicos europeus; contou como redigiram memoriais e consultas sobre encaminhamentos necessários à vida econômica e à vida religiosa. Já é possível devolver a um tempo e a um espaço da vida colonial, a presença do elemento de origem judaica, sob novas abordagens.

A historiadora Anita Novinsky desvendando os processos que engendraram o silenciamento das práticas judaicas expõe a dimensão histórica do marranismo, concentrando o processo do conhecimento histórico no próprio sujeito alvo das práticas judaizantes. Os conteúdos dos processos por ela estudados revelam os passos de uma intensa vida judaica nos subterrâneos da sociedade colonial. Ela foi em busca do lugar onde a história foi produzida e atavicamente silenciada.

Desse modo, uma nova ordem de discussão ficou estabelecida. Durante os últimos anos a cultura judaica instigou a produção acadêmica promovendo um novo posicionamento dos judeus nas programações temáticas dentro da literatura em geral. Hoje, marranos, cristãos-novos, cripto-judeus estão presentes nas ciências humanas como objeto e como tema de trabalhos relevantes redimensionados epistemologicamente.

A nossa proposta é explorar as tendências ocultas dos feitos praticados na sociedade colonial, em nome de uma hegemonia religiosa durante os séculos XVI até o século XVIII, e depois no século XX. Olhar a maneira como os acontecimentos dessa história ficaram confinados no passado, porém de forma apenas silenciada, e chegaram até o presente, trazendo fatos que, hoje, são transformados em saber acadêmico, mediados por uma proveitosa interdisciplinaridade.

Um roteiro cultural judaico em Pernambuco

Na sequência das ações, um dos passos foi a elaboração de um roteiro cultural judaico que nos permitisse reunir os fragmentos de um passado, aparentemente não relacionável ao presente, mas que permaneceram como ilhas submersas numa história a ser construída aproveitando-se os resíduos culturais. Existe uma zona entre o passado e o presente da comunidade judaica do Recife (séculos XVI-XVII e séculos XX-XXI) que guardou elementos de uma memória coletiva silenciada por circunstâncias históricas.

Com a inauguração do Centro de Cultura Judaica de Pernambuco, em 2001, a Sinagoga Kahal Zur Israel, vem funcionando como lugar que centraliza o conhecimento sobre a cultura judaica. Como monumento histórico revitalizado vem funcionando também como instrumento de percepção de uma divisão do tempo, em função de um antes e um depois dos eventos que resultaram na perenidade da presença judaica na região. Os passos perdidos dos judeus na historiografia brasileira são agora recuperados, porque eles referenciaram e estruturaram uma memória coletiva, definindo o seu lugar na História e no quadro espacial onde eles ocorreram. A memória assim valorizada não aceita o desenraizamento das origens e consequências do movimento migratório, primeiro dos cristãos-novos, depois o dos judeus portugueses de Amsterdã, desde o século XVI.

Sim, porque eles vieram para ficar. Em Pernambuco, suas vivências foram como âncora e plataforma da identidade sefardi. Viveram paradoxalmente seus ritos e costumes entre as práticas sincréticas e/ou clandestinas. Silenciaram aparentemente enquanto os *desajustamentos dos tempos e dos homens nas sociedades, medieval e moderna, desmanchavam valores e tradições*. Todavia, foram suficientemente sólidos como grupo étnico-religioso para se lançar no futuro, trazendo do passado resíduos culturais para, mais uma vez, com eles, recriarem suas tradições.

Com base nessa memória, o circuito cultural judaico para a cidade do Recife. A ideia foi trabalhada na perspectiva da preservação, intervenção e manutenção de um patrimônio histórico cultural para disponibilizá-lo ao trade turístico. Inclui, também uma finalidade social, no sentido da inserção desses novos conhecimentos em propostas pedagógicas de atualização do saber da história e da cultura local. Além do caráter didático, sua utilização como fator de atração para o turismo local valoriza a organização de uma

memória histórica reveladora de aspectos de um passado não tão distante no tempo e bem próximos, num espaço.

No roteiro destacam-se como marcos dos passos perdidos dos judeus em Pernambuco, o Engenho Camaragibe, pertencente a Diogo Fernandes e Branca Dias, cristãos-novos que receberam terras de Duarte Coelho na metade do século XVI; a casa de Branca Dias em Olinda, onde ela vivia grande parte do tempo; a Casa de Guarda dos Judeus (Excubiae Iudeorum), antiga fortaleza que abrigou, durante um curto período uma milícia de soldados judeus; a Ponte Maurício de Nassau, construída por Baltazar da Fonseca, cristão novo; a antiga Ilha Cheira-Dinheiro, atual pontal do Pina, cujas terras pertenciam a André Gomes Pina, rico cristão-novo que lá se instalou pela proximidade da Sinagoga no Bairro do Recife. E, finalmente, a própria Sinagoga Kahal Zur Israel, localizada numa área conhecida atualmente como o Recife Antigo.

Somos instigados a olhar cada um desses espaços ao mesmo tempo em que se observam mapas antigos, ilustrações que mostram como eram antes. A atmosfera judaica de cada um deles sobrevive hoje nas velhas histórias. Seus habitantes não foram embora sem avisar, apenas esconderam-se dos deuses estranhos.

O que se conta... sobre o Engenho Camaragibe

É rico o imaginário sobre este espaço que foi cenário de episódios importantes de resistência cultural judaica. Vejamos o que se conta na Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil. Denúncias e Confissões de Pernambuco 1593-1595 Coleção Pernambucana Vol.XIV. Recife: FUNDARPE. 1984. (p.75 Em registros de 16 de novembro de 1593)

...haverá quarenta anos pouco ou menos que nesta vila morava Anrique Mendes mouco cristão novo que depois foi pera Porto Seguro o qual era costumado todas as luas novas de agosto hir com sua mulher Violante Rõiz e com toda a mais casa e família em carros enramado e com festas desta vila ao lugar de Camaragibi que está daqui quatro ou simquo léguas e la se estavam hu e dous meses, e era fama pública nesta terra geralmente dito por todos assim nobres o principais como mais gente e povo que no dito Camaragibi avia esnoga onde se ajuntavam os judeus

desta terra e faziam suas cerimônias e que nas ditas luas novas de agosto iam ao dito Camaragibi a celebrar a festa do jejum do Gujppur...

Na página 251, um outro registro de 2 de abril de 1594

... e denunciando disse que haverá vinte anos que morando em Camaragibi Branca Dias christã nova defunta mulher de Diogo Fernandes de Camargibi e outro Diogo Fernandes genro dela que ora está em Lixboa mercador na rua Nova e Duarte Fernandes irmão do dito Dioguo Fernandes cristãos novos que estavam por feitores de Bento Dias Santiago nos seus engenhos do dito Camaragibi nesta Capitania ele denunciante ouviu dizer em pubrica fama jeralmente por todos, honrados, altos e baixos desta terra e por ho mais povo e gente della, com muita frequentação e escandallo que os dittos Branca Dias e seu genro Fernandes e Duarte Fernandes viviam no ditto Camaragibi na lei judaica e faziam suas ceremonias e faziam a esnoga e que com elles se ajuntavão e faziam o mesmo Francisco Pardo christão novo que ora he lavrador e morador no mesmo Camaragibi e outros muitos christãos novos que lhe não lembrão...e pello ditto Simão Vaz om os dittos parentes e com outros que elle não sabe todos christãos novos fazem no mesmo Camaragibi, e faziam com o ditto Manoel Vaz quando aqui estava a esnoga no ditto Camaragibi e as dittas ceremonias judaicas...

...sobre Duarte Saraiva

José Antônio Gonsalves de Mello (1989:224) conta sobre os serviços religiosos no Recife, antes da construção da Sinagoga, feitos na casa de Duarte Saraiva, desde 1636, seguindo um costume antigo, inclusive na Holanda.

João de Siqueira disse na Bahia (em 25 de novembro de 1636), há pouco chegado aí vindo do Recife, que “se ajuntava a judiaria em casa de Duarte Saraiva”, o mesmo disseram Manuel Martins da Costa (mesma data) e Salvador das Neves (23 de outubro de 1637). Matias de Albuquerque, em Lisboa, acrescentou (31 de maio de 1645), referindo-se a fatos de 1636, que Duarte Saraiva “dogmatizava aos judeus, ensinando-lhes a lei de Moisés”. Segundo Manuel Martins da Costa, Saraiva era “homem já velho de mais de meia estatura e cheio de cãs”. Saraiva nascera cerca de 1572 e, portanto, em 1636 unha por volta de 64 anos de idade...

...sobre a Sinagoga Kahal Zur Israel

Sobre a Sinagoga conta-se também que havia umas cazas de esnoga na Povoação do Recife. Para confirmar a existência desse espaço religioso que aglutinava a vida judaica na época, existem os registros históricos compilados da obra Inventário das armas e petrechos bélicos que os holandeses deixaram em Pernambuco e dos prédios edificadas ou reparados até 1654. 2ª edição. Recife 1940. Eles apresentam os indicadores para o reconhecimento da localização do prédio onde funcionou a Sinagoga no século XVII. Explica-se no livro:

...há de servir para nele se escreverem as cazas, que se acharem na Povoação deste Recife, e na de outra banda de S. Antônio, assim as que se obrarão de novo por Flamengos ou Judeus, como as em que houver benfeitorias, que possam pertencer à Fazenda Real...

O Inventário do livro identifica a construção como:

...Humas cazas grandes de sobrado da mesma banda do rio, com fronteira para a rua dos Judeos, que lhes servia de synagoga, a qual he de pedra e cal com duas lojas por baixo, que de novo fabricarão ditos Judeos: ao presente estão nella aquartelados soldados, e não se faz menção do aluguel de altos, nem de baixo até haver pessoa, que entre a morar nellas. Mandou o Mestre de Campo Geral Francisco Barreto se carregasse os setenta mil reis de aluguel destas cazas, que hé o de hum ano, ao Mestre de Campo João Fernandes Vieira por conta de seus soldos pela caza por um creado seu; e esta deprecação fez o dito Mestre de Campo João Fernandes Vieira ao Provedor da Fazenda por hum escripto seu de que eu Escrivão da dita Fazenda dou fé. Recife o primeiro de Julho de seis centos cincoenta e cinco.

O prédio definitivo foi concluído por volta de 1640 e 1641, conforme documento enviado ao conselho dos XIX, com data de janeiro de 1641. A sinagoga estava situada no sexto lote do terreno, situado na Rua dos Judeus, antiga Rua do Bode (denominada pelos holandeses de Bockestraet), em edifício de dois sobrados, com dois andares, construído em pedra e cal abrigando duas lojas, escolas e, no primeiro piso, a sinagoga propriamente dita. Estabelecida no andar superior, o salão da sinagoga, a exemplo da sinagoga de Amsterdã, tinha encostada à parede da frente, voltada para o leste, a arca com os rolos da Tora e, ao centro, o local de leitura e pregação. Após a expulsão dos holandeses em 1654, a Rua dos Judeus, anteriormente

conhecida como Rua do Bode, veio a ser denominada Rua da Cruz e, a partir de 1870, teve seu nome mudado para do Bom Jesus, embora, em 1802 tenha recebido o nome de Rua dos Mercadores, sem grande repercussão. Trata-se de um espaço demarcado pelo sagrado e pelo profano, sendo hoje um logradouro com intenso trânsito de pessoas, com objetivos de negócios e de lazer. Outrora foi um espaço onde viveu uma comunidade com seus cotidianos marcados por atividades consagradas às práticas religiosas do judaísmo e também às relações sociais e econômicas com a sociedade maior.

...sobre o prédio da sinagoga

Quando os holandeses se retiraram a edificação foi doada a João Fernandes Vieira, pelos seus feitos na Insurreição. Em 14 de outubro de 1679, o prédio foi passado para os Padres da Congregação do Oratório de Santo Amaro (depois chamados da Madre de Deus). Nessa ocasião o prédio já estava em ruínas. No terreno a Congregação construiu dois sobrados, os quais com a extinção desta em 1830, passaram para o patrimônio da Santa Casa da Misericórdia do Recife e tinham no século passado, os números 12 e 14. Na sala da frente, numa das paredes laterais do primeiro andar do prédio, Fernandes Vieira construiu um altar com um nicho, ladeado e encimado de entalhes ornamentais. Numa das reconstruções foi notado a existência de um arco de pedra lavrada, fechado por parede de tijolo, ao passo que as demais eram todas de pedras irregulares. Com a demolição da parede foi encontrado o aludido oratório em perfeito estado de conservação tendo, o então proprietário da edificação, oferecido a capela do hospital da Ordem Terceira do Carmo do Recife, construído na época.

O prédio permaneceu com suas características originais por mais de dois séculos, até que foi demolido no início do século XX, quando da “reurbanização e modernização” promovida no Bairro do Recife, ainda o núcleo central da cidade por força da forte influência dos modelos adotados pelos europeus em suas cidades, dando lugar a uma nova edificação que veio a ser ocupada pelo Banco de Crédito Real de Pernambuco e por uma loja de material elétrico.

A identificação definitiva dos imóveis pode ser feita, já na última década do século XX, pelo sistema adotado pelo arquiteto e historiador pernambucano José Luiz Mota Menezes. Utilizando a superposição de

mapas existentes, feitos ao longo do período colonial até nossos dias, possibilitou uma criteriosa análise cartográfica para a identificação correta.

Durante as escavações, além dos objetos de grande importância para o resgate da história daquela edificação, revelou-se o piso original do século XVII, setenta centímetros abaixo do atual. O achado mais importante, entretanto, foi o poço original da época, que alimentava a mikvah⁴, confirmando desta forma que as atuais casas situadas à Rua do Bom Jesus (antiga Rua dos Judeus), sob números 197 e 203, são aquelas que foram construídas no terreno onde antes existira o prédio anteriormente descrito, para a sinagoga. A presença no local de um Tribunal Rabínico especialmente consultado, composto de três autoridades no assunto, analisou os achados e confirmou tratar-se da piscina ritual, com base nas medidas do local. Acrescente-se, como dado a confirmar a veracidade da mesma, o fato da existência do poço no interior do prédio.

Palavras finais

A formação das duas Congregações é o reconhecimento de que houve dois momentos distintos em que os judeus se organizaram como comunidade. Porém, as historiografias brasileira e judaica reafirmam a ideia de que não houve solução de continuidade no que se refere à presença de judeus no Nordeste brasileiro.

Basta analisar a atual configuração da coletividade formada nos primeiros anos do século XX. Hoje, no Recife, é possível identificar quatro categorias de judaísmo: o judaísmo ortodoxo, representado pelo Beit Chabad; os judeus ashkenazim, seguindo uma linha liberal, apoiados muito mais no sionismo do que na religião; os marranos convertidos e, por fim, os que se autoidentificam como marranos, porém não são convertidos. É interessante notar que hoje, assim como nos tempos da formação da comunidade Zur Israel, no século XVII, pouco a pouco, surgem grupos de diferentes partes da região nordestina interessados em encontrar, em suas genealogias, os elos perdidos com o judaísmo.

Existe no Recife um movimento formado por pessoas que se autoidentificam como judeus marranos. Anteriormente se consideravam

⁴ Piscina destinada ao ritual judaico do banho de purificação.

católicos ou protestantes e agora reivindicam o retorno ao judaísmo. Mas não concordam com a conversão, conforme exige a ortodoxia judaica. Manifestam o desejo de serem aceitos como judeus na condição de retornados, pois, segundo eles, não lhes cabe a responsabilidade de terem sido, mesmo que circunstancialmente, afastados do judaísmo em períodos anteriores. Eles buscam, inclusive, a identidade religiosa através de estudos formalmente organizados em uma das sinagogas existentes. Participam de grupos já institucionalizados e, por estarem relativamente integrados à comunidade judaica do Recife, de forma consciente, estimulam essa revisão na historiografia pernambucana e judaica.

Não é a resistência e continuidade da presença judaica que se deseja explicar, ao longo de épocas diferentes e distantes no tempo? É preciso estar atento, pois em toda obra elaborada pelo homem estarão os vestígios da mentalidade e dos sentimentos do grupo e da sociedade que os envolvia.